

DOSSIÊ

VARIAÇÕES SOBRE A LUTA DE CLASSES

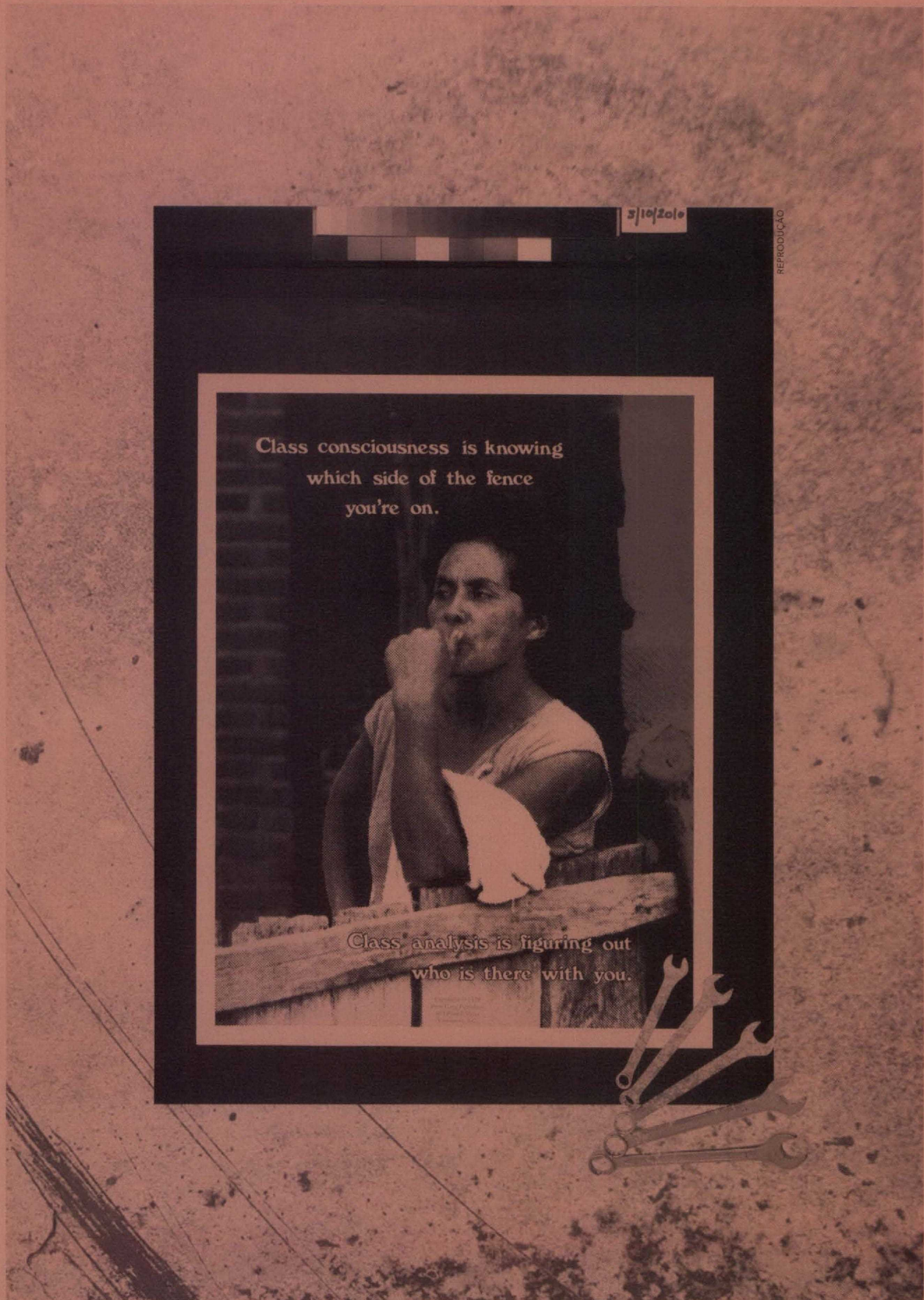
JOÃO ALEXANDRE PESCHANSKI

No fim dos anos 1970, circulou pela América do Norte e Europa um cartaz em que se lia, em tradução livre do inglês: “A consciência de classe é saber de que lado da barreira você está (veja página ao lado). A análise de classe é descobrir quem está lá com você”. A ilustração nesse material, produzido pelo coletivo feminista anticapitalista Press Gang, era a de uma mulher negra, cotovelo apoiado sobre uma barreira de madeira rústica, no centro da cena, mão na boca, pensativa. De certo modo, a mensagem desse cartaz ressoava a clássica máxima da interdependência entre teoria e prática revolucionária. Ressoa também no Brasil de hoje urgentemente a tarefa intelectual do cartaz; a ofensiva conservadora que se abateu sobre as trabalhadoras e os trabalhadores brasileiros nos encontra com uma análise de classe desorganizada.

Os processos de desorganização da análise de classe são variados, da desmobilização de instrumentos partidários socialistas e comunistas a uma crescente marginalização e até perseguição à tradição marxista na universidade. Dois discursos são especialmente marcantes nesse contexto, o de que as classes sociais são uma abstração irrelevante e o de que

em detrimento de uma teoria marcada pelo antagonismo entre interesses materiais deve-se priorizar uma de concertação.

Afirmar que classes sociais são uma abstração irrelevante ou, em outros termos, um mero construto acadêmico é sugerir que a partir delas não se identificam mecanismos reais que afetam a vida das pessoas. A tradição marxista considera que as relações sociais em um sistema produtivo definem mecanismos que têm impacto real na vida dos indivíduos, especialmente a exploração e a dominação. Dominação diz respeito à capacidade de controlar as atividades de outras pessoas; exploração remete a uma relação econômica, em que, entre outros elementos, o bem-estar material de um grupo depende da privação material de outro grupo e, no contexto da exclusão dos recursos necessários à sobrevivência, o grupo em situação de privação material “oferece” sua força de trabalho para os detentores dos meios socialmente necessários para a produção econômica. Afirmar que as classes sociais não são reais é, portanto, o mesmo que dizer que mecanismos como a exploração e a dominação, que as definem pelo menos na tradição marxista, são abstrações irrelevantes; isso é no mínimo ingênuo. ➡



DOSSIÊ | VARIAÇÕES SOBRE A LUTA DE CLASSES

As classes sociais têm impacto tanto em condições macrossociais quanto microssociais. O nível mais geral é o que, na tradição marxista, se chama estrutura de classe, a localização de agentes sociais em relação aos meios de produção de um sistema econômico. Nesse nível, o que se busca entender é como se dá a distribuição dos recursos produtivos em uma sociedade e como a estrutura econômica influencia o comportamento de instituições e grupos sociais. Nas microfundações da análise, busca-se entender a influência das classes sociais nas ações de indivíduos: a associação entre os interesses individuais e os esperados a partir das condições materiais nas relações de produção; a compreensão subjetiva dos interesses de classe; a formação de organizações para manifestar a solidariedade dos interesses de classe; e as práticas políticas para realizar os interesses de classe, em especial as estratégias a adotar em situações de conflito de interesses. Estrutura, consciência, formação, solidariedade e luta de classe são objetos da análise de classe.

O principal desafio da análise de classe não é justificar a relevância real de seus objetos de estudo, mas desenvolver uma formulação suficientemente geral para dar conta de manifestações complexas de relações de classe e estratégias de ação coletiva baseadas em interesses materiais. Esse desafio está associado a um processo de abandono da tese da primazia explicativa das classes sociais: por mais que exploração e dominação sejam mecanismos

relevantes, não são os únicos mecanismos relevantes e possivelmente não são os mais importantes para entender a vida social. O abandono da tese da primazia das classes vai na contramão da tradição marxista clássica, para a qual a tendência histórica dos fenômenos sociais é no abstrato explicada pela trajetória das lutas de classes.

Correntes da esquerda abdicaram muitas vezes, incluindo na experiência brasileira recente, de elaborar uma formulação realista da economia política e da análise de classes, para apaziguar e equilibrar circunstancialmente os antagonismos inerentes às relações de produção. Essa estratégia de concertação, mantida a partir de uma “hegemonia precária” – na consagrada expressão do sociólogo Ruy Braga –, em que todos os interesses são de alguma maneira contemplados, tem vida curta e, principalmente, não deixa legado teórico para a elaboração das dinâmicas sociais brasileiras. O desafio intelectual de elaborar e articular a análise de classes no Brasil está colocado e, no contexto de um Estado tomado por agentes da austeridade fiscal e do arrocho, assume urgência.

Este dossiê, intitulado “Variações sobre a luta de classes”, pretende justamente contribuir com elementos para a formulação da análise de classes premente no Brasil. Assim, investigam-se desenvolvimentos sobre as relações sociais no modo de produção capitalista brasileiro a partir de quatro fenômenos sociais concretos: aborto, cidade, processo de trabalho e justiça.

As modalidades de reprodução da força de trabalho implicam necessariamente uma discussão sobre os direitos reprodutivos e mais fundamentalmente sobre as relações entre classes sociais e gênero. A cientista política Flávia Biroli, da Universidade de Brasília, identifica na violência contra as mulheres, em especial na forma política das limitações ao direito ao aborto, a interação da dominação masculina e capitalista.

A formação das classes deve levar em conta os espaços dessa formação. Isso aparece no próprio Marx, para quem a concentração dos trabalhadores em fábricas cada vez maiores viria a

ser o estopim para a consciência das condições materiais comuns dos trabalhadores – o que, como se sabe, não se concretizou. As políticas urbanas atuam fundamentalmente na produção formativa das classes hoje e, sobre isso, escreve no dossiê o urbanista João Sette Whitaker Ferreira, da Universidade de São Paulo. Ele busca entender a produção do urbano a partir da exploração e da dominação de classes em sistemas capitalistas periféricos, como o brasileiro.

O processo de trabalho, em especial as tecnologias sociais para a disciplinarização e intensificação do labor, é o tema do ensaio da socióloga Silvia Viana, da Fundação Getúlio Vargas. Uma questão-chave da sociologia do trabalho é descrever o conjunto de técnicas, ou o regime de produção, que é usado para que os trabalhadores atuem com intensidade produtiva máxima. Com o advento das mídias sociais, é possível que se generalize uma modalidade “colaborativa” de dominação do trabalho: talvez não sejam mais necessárias práticas despóticas ou estratégias para que o trabalhador consinta a produzir com intensidade, pois quem gerencia o trabalhador é o aplicativo manuseado pelo consumidor. Viana avalia a modalidade de controle e intensificação do trabalho associada à uberização da produção, em que os explorados, agora sob a forma de autoempreendedores precários, se midiaticizam e espetacularizam em busca de recompensas.

O cientista político Frederico de Almeida, da Universidade Estadual de Campinas, investiga o papel do Judiciário na condução política da classe dominante. Diagnostica tanto a constituição desse instrumento de dominação quanto a agenda conservadora que promove. De certo modo, a judicialização da ação classista dominante é um elemento central para a economia política da Operação Lava Jato e do desigual acesso à justiça.

O conjunto de textos deste dossiê propõe-se a romper com a expectativa de uma análise de classe sob a égide da dicotomia entre burgueses e proletários. Aliás, isso vai na linha corrente de teóricos anticapitalistas em todo o mundo, que se afastaram da metanarrativa do materialismo histórico clássico. Um esforço

primeiro da análise de classes contemporânea, em consonância com a tradição marxista, é possivelmente articular a partir de um compromisso igualitário radical as várias explicações para as manifestações de desigualdade e injustiça econômica, buscando de maneira geral identificar as múltiplas contradições do sistema capitalista.

Assim, este dossiê apresenta variações sobre uma mesma temática: os conflitos a partir de interesses materiais em diferentes tipos de relações e situações sociais. Os interesses materiais, nesses recortes do real, coexistem e interagem de maneiras diversas com outras formas de opressão, como gênero, raça e vulnerabilidade social. A crítica ao capitalismo, propõe-se, está na formulação e articulação dessas variações sobre as classes sociais e, especificamente, nas lutas de classes.

A urgência do esforço intelectual aqui proposto é que se coloca igualmente à intelectualidade radical o desafio de formular alternativas programáticas à realidade social. A análise de classe serve tanto para identificar os constrangimentos e obstáculos a uma vida social melhor quanto para diferenciar interesses materiais aliados e adversários, para “saber de que lado da barreira você está” e “quem está lá com você”. Diagnosticada a realidade social, com seus déficits de democracia e justiça, torna-se possível formular uma alternativa profundamente democrática e justa e, na análise dos interesses materiais e suas manifestações políticas, entender o que ainda nos impede de estar lá. ■